

LIDANDO COM A MORTE: O PAPEL DO AUXILIAR DE NECRÓPSIA EM UM EXAME NECROSCÓPICO

DEALING WITH DEATH: THE ROLE OF THE NECROPHYSIC AUXILIARY IN A NECROSCOPIC EXAM

JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS¹

A morte faz-se notória e ganha destaque especial ao ocorrer em seres humanos. Não há nenhuma evidência científica de que a consciência continue após a morte, entretanto, existem várias crenças em diversas culturas e tempos históricos que acreditam em vida após morte. A morte é verdadeiramente um assunto de grande importância para a humanidade. Tudo indica que a morte representou um papel relevante na história da humanidade, assim como nos dias de hoje, na antiguidade ela era vista como sendo cruel, leviana e injusta por essa razão ela era detestada por todos. A morte não é somente um fator biológico, mas um processo construído socialmente, que não se distingue das outras dimensões do universo das relações sociais. O enfrentamento da morte tem por princípio o desenvolvimento da sua própria compreensão, tendo por dimensão os conceitos de irreversibilidade e universalidade. O Instituto Médico-Legal. (IML) é onde corpos sem vida encontram a morte e, por meio de técnicas da medicina-legal e de procedimentos burocráticos e policiais, são definidos como mortos, sendo a morte institucionalizada. A identificação humana post-mortem é uma das grandes áreas de estudo e pesquisa da Medicina Legal. O objetivo deste trabalho é refletir sobre os procedimentos realizados pelo profissional Auxiliar de Necropsia durante o exame necroscópico. Os resultados apontam que a necrópsia não serve apenas para identificar a causa da morte, como muitos pensam, ela tem diversas outras funções. Controle de qualidade do diagnóstico e do tratamento, fonte de informação para a Secretaria de Saúde, material de ensino para médicos residentes, alunos e professores e material para pesquisa científica. Conclui-se que o que faz deste profissional um profissional diferente dos demais é justamente a capacidade e facilidade de lidar com a morte, cuidar dos corpos já sem vida, dando-lhes dignidade e a oportunidade de elucidação dos fatos pós-mortes com os exames necroscópicos realizados. Possibilitando um sepultamento digno onde a alma/ espírito do indivíduo possa repousar em paz é a capacidade deste profissional em oferecer conforto sempre que possível às famílias dos pacientes, sempre respeitando a dor da perda e do luto.

Palavras-Chave: Morte, IML, Necrópsia e Perito Criminal.

¹Mestre em Educação pela Universidad Politécnica y Artística Del Paraguay. Especialista em Urgência e Emergência com ênfase em APH, pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, Especialista em Docência do Ensino Médio, Técnico e Superior pela Faculdade Associada Brasil. Bacharel em Enfermagem pela Universidade Paulista- UNIP. Licenciado em Biologia pelo Centro Universitário Claretiano. Atualmente é professor dos cursos da Pós-Graduação da Faculdade Associada Brasil nas áreas de Educação e Saúde, professor técnico/pedagógico da Escola G12 Educacional CEENPRO e Escola Técnica Sequencial. E-mail: zecasantos01@gmail.com. Ou zecaribeiroh@yahoo.com fone: (11) 94891-5563 ou (11) 94572-0894.

Death is notorious and gains special prominence when it occurs in humans. There is no scientific evidence that consciousness continues after death, however, there are several beliefs in various cultures and historical times that believe in life after death. Death is truly a matter of great importance to mankind. Everything indicates that death played a relevant role in the history of humanity, just as in the present day, in antiquity it was seen as being cruel, light and unjust for that reason it was detested by all. Death is not only a biological factor, but a socially constructed process, which is not distinguishable from the other dimensions of the universe of social relations. The confrontation of death has in principle the development of its own understanding, having as dimension the concepts of irreversibility and universality. The Medical-Legal Institute. (IML) is where dead bodies encounter death and, through medical-legal techniques and bureaucratic and police procedures, are defined as dead, with death institutionalized. Post-mortem human identification is one of the great areas of study and research in Legal Medicine. The objective of this work is to reflect on the procedures performed by the Necropsy Auxiliary professional during the necroscopic examination. The results indicate that the necropsy is not only used to identify the cause of death, as many think, it has several other functions. Quality control of diagnosis and treatment, source of information for the Department of Health, teaching material for resident physicians, students and teachers, and material for scientific research. It is concluded that what makes this professional a professional different from the others is precisely the ability and ease of dealing with death, caring for bodies already lifeless, giving them dignity and the opportunity to elucidate the postmortem facts with the exams necroscopic tests. Enabling a dignified burial where the soul / spirit of the individual can rest in peace is the ability of this professional to offer comfort whenever possible to the patients' families, always respecting the pain of loss and mourning.

Keywords: Death, IML, Necropsy and Criminal Expert.

Em qualquer época ou qualquer circunstancia o conhecimento sobre a morte continua o mesmo mistério. Não tem como ignora-la, recuar ou retardar ela é infalível. A morte faz-se notória e ganha destaque especial ao ocorrer em seres humanos. Não há nenhuma evidência científica de que a consciência continue após a morte, entretanto, existem várias crenças em diversas culturas e tempos históricos que acreditam em vida após morte.

A morte é verdadeiramente um assunto de grande importância para a humanidade. Tentar saber algo sobre a morte é tentar saber algo sobre a vida. A literatura dá-nos a ver verdades que só podem ser usadas por nós próprios, que são as nossas convicções e as respostas essenciais a perguntas para as quais tentamos buscar respostas.

Tudo indica que a morte representou um papel relevante na história da humanidade, assim como nos dias de hoje, na antiguidade ela era vista como sendo cruel, leviana e injusta por essa razão ela era detestada por todos.

Filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte. Isso porque de certa forma o estudo e a contemplação retiram a nossa alma para fora de nós e ocupam-na longe do corpo, o que é certo aprendizado e representação da morte; ou então porque toda a sabedoria e discernimento do mundo se resolvem por fim no ponto de nos ensinarem a não termos medo de morrer.

A verdade é que esse assunto origina grande temor na mente humana, há pessoas que, ao ouvirem a palavra “morte”, já começam a passar mal como que antecipando a sua própria morte. Com notórias consequências culturais e suscitando interesse recorrente na filosofia, existem diversas concepções sobre o destino da consciência após a morte, como as crenças na ressurreição, (religião abraâmicas), na reencarnação (religiões ocidentais, Doutrina Espírita)² ou mesmo eternal oblivion (esquecimento eterno). Pela forma como eram tratados os mortos desde a Pré-História, havia uma crença de que existia outra vida, e aos poucos se foi tornando clara a certeza de que iríamos para outro lugar.

As cerimônias de luto e práticas funerárias são variadas. Os restos mortais de uma pessoa, comumente chamado de *cadáver* ou *corpo*, são geralmente enterrados ou cremados. A forma de disposição mortuária pode, contudo variar significativamente de cultura para cultura.

Aliado a esse pensamento, outro ganhava força entre os humanos, o de que os mortos voltassem para perturbar os chamados “vivos”. Apesar de a morte ser algo natural, as pessoas sente grande dificuldade em aceitar e falar a respeito do assunto.

A morte representa para o ser humano, algo sombrio, temido, pavoroso, é um medo universal. Em geral, os seres humanos não sabem lidar com a morte, principalmente, nós, os Ocidentais³. Todas as religiões, de uma maneira ou de outra, sempre objetivaram a vida após essa vida, seja na ideia de céu ou inferno, ou seja, na ideia de vidas sucessivas como é o caso dos reencarnecistas.

² Doutrina Espírita Espiritismo, Doutrina espírita, Kardecismo ou Espiritismo kardecista uma doutrina religiosa ou filosófica mediúnica ou moderno espiritualista. Foi "codificada" (ou seja, tomou corpo de doutrina - pela universalidade dos ensinamentos dos espíritos) pelo pedagogo Francês Hippolyte Léon Denizard Rivail, usando o pseudônimo de Allan Kardec.

³ CANTU, et al (2005). Pretende descrever a percepção da iminência da morte em pacientes terminais, seus dilemas, conflitos e angústias.

O significado da morte é composto por fatores culturais, históricos, éticos, religiosos e psicológicos. A interação entre esses fatores contribui para tornar mais complexa qualquer tentativa de compreensão do assunto. No modo com que cada civilização demonstrava o ritual para com a morte, existia uma crença específica dentro dos seus usos e costumes.

Para os egípcios tinha sua relevância, Segundo o sistema de crenças egípcio, a morte consistia em um processo onde a alma se desprendia do corpo. Com isso, acreditavam que a morte seria um estágio de mudança para outra existência. Sendo o corpo compreendido como a morada da alma, havia uma grande preocupação em conservar o corpo dos que faleciam. Dessa forma, desenvolveram-se variadas técnicas de mumificação capazes de preservar um cadáver durante anos a fio⁴.

A mumificação era realizada por um profissional específico. Após retirar as vísceras, os restos mortais da pessoa eram repousados em uma mistura contendo carbonato de sódio e água. Finalizada a imersão, diversas substâncias e ervas eram introduzidas no corpo para evitar a deterioração dos tecidos.

Na etapa final do procedimento, o morto era enfaixado e coberto por uma cola que impedia a contaminação pelo ar. Terminada a mumificação, o falecido era colocado em um sarcófago posteriormente depositado em um túmulo.

Através da análise dos túmulos, estudiosos pôde descobrir qual era a posição ocupada pelos mortos. Seja qual fosse a sua posição social em vida – era conduzido pelo deus Anúbis para se apresentar ao Tribunal de Osíris, local em que sofria uma avaliação de seus erros por outros quarenta e dois seres divinos.

Em quase todas as culturas, são realizadas cerimônias de enterro e o desejo da imortalidade se manifesta de formas simbólicas, através dos chamados “mitos da imortalidade”, pelos quais a pessoa se perpetua em sua descendência. Pela teologia, há vida após a morte, ou então há um plano mais elevado de existência, para onde somos encaminhados após nossa morte (Bromberg, 2000).

⁴ Mumificação é o conjunto de métodos através dos quais é possível dessecar um cadáver para evitar sua decomposição.

A morte é natural, a maior certeza que temos sobre qualquer coisa é que vai ter o seu fim. Desde o Período Paleolítico- de 600.000 a 10.000 aC, o morto já era enterrado sob as pedras com seus pertences e coberto de ocre vermelho, que lembrava a cor do sangue⁵. Desta forma, acreditava-se na “vida” para ele.

Desde daquela época havia uma preocupação constante com a migração da alma para o além. Para os egípcios, a morte seria passageira e a vida retornaria para o corpo, porém o retorno à vida aconteceria somente se o corpo do moribundo fosse conservado. Se a alma (Rá) não voltasse para o corpo (Ká), significava que o corpo não tinha sido conservado. Parte, daí, a importância da **mumificação dos corpos**, do embalsamento e da conservação, para evitar a decomposição. Para isso, existiam técnicas avançadas de mumificação para os nobres e técnicas mais simples para os pobres.

Portanto não é nova a ideia de que a morte é simples momento de que há algo mais no além-túmulo. Inventaram mil maneiras de se arranjar com o desconhecido e agradar aos deuses, mesmo desagradando ao seu próximo. O homem passou a achar que lá o morto poderia utilizar os mesmos meios de sobrevivência que usava aqui, começaram a encaminhar com os mortos os seus bens (roupas, joias, armas, livros sagrados etc.).

A morte não é somente um fator biológico, mas um processo construído socialmente, que não se distingue das outras dimensões do universo das relações sociais. A morte é um evento biológico que encerra uma vida. Nenhum outro evento vital é capaz de suscitar, nos seres humanos, mais pensamentos dirigidos pela emoção e reações emocionais que ela, seja no indivíduo que está morrendo, seja naqueles à sua volta. A definição médica e legal da morte mudou, há menos de trinta anos, da parada da função cardiorrespiratória, para a chamada morte neurológica. No Brasil o Conselho Federal de Medicina na Resolução CFM Nº1. 364/91, define morte encefálica como a parada total e irreversível das funções encefálicas de causa conhecida e desconhecida.

⁵ Paleolítico (pedra antiga), também conhecido como Idade da Pedra Lascada ou período da selvageria, é um período pré-histórico correspondente ao intervalo entre a primeira utilização de utensílios de pedra pelo homem (cerca de 2 milhões de anos atrás) até ao início do Neolítico (cerca de 10 mil a.C.). é o período do desenvolvimento de instrumentos de caça, feitos em madeira ou osso. o Homem vivia da exploração dos recursos silvestres. As atividades de subsistência resumiam-se à pesca, à caça e à recoleção de vegetais. O homem divinizava as forças da natureza, acreditavam na vida após a morte, enterravam seus mortos debaixo de grandes lajes de pedra suspensas, de nome sambaqui, com suas roupas, armas, enfeites e oferendas. Também adoravam deusas que representavam a fecundidade, pois uma das principais preocupações do homem primitivo era a conservação da espécie humana.

Diante disso, é possível supor que o apoio, compreensão e o preparo de profissionais da área de saúde e dos familiares durante a fase terminal da doença, são cruciais para o hábil manejo dos conflitos e do sofrimento do paciente, inerentes a essa condição. É angustiante ao ser humano tomar consciência de sua finitude, visto que celebra cotidianamente a vida, sem pensar na morte. Assim, a morte está presente em nosso cotidiano e, independente de suas causas ou formas, seu grande palco continua sendo os hospitais e instituições de saúde.

A rejeição é comum nos pacientes terminais; muitas vezes, tornam-se solitários e depressivos por não querer contato com a família e amigos, acreditando que serão rejeitados por estarem com a aparência debilitada, com cheiro ruim por causa da doença e/ou que deixarão lembrança negativa para seus familiares e amigos. Ribeiro dos Santos (2000) sugere, para essa fase do atendimento psicológico, o ensino de novas habilidades de controle e manejo da dor e do estresse, o treinamento de familiares para ajudar o paciente a expressar suas necessidades e pensamentos, a motivação dos familiares no cuidado progressivo que favorece o processo de luto.

O enfrentamento da morte tem por princípio o desenvolvimento da sua própria compreensão, tendo por dimensão os conceitos de irreversibilidade e universalidade. A morte sempre foi um desafio ao homem, algo que ele gostaria de ter vencido, porém, como faz parte do ciclo vital torna-se impossível evitá-la. Sabe-se que a morte é direito do homem. O morrer pertence à vida, assim como o nascer.

No processo de hospitalização (luto), o paciente passa por vários estágios, o primeiro estágio, de negação e isolamento: o paciente não aceita sua doença, no momento em que recebe a notícia. Em geral, a negação é uma defesa temporária, que é logo substituída por uma aceitação parcial. No estágio seguinte, de raiva, ele entra em contato com a realidade, isto é, deixa de negar a doença. O terceiro estágio, de barganha, quando o paciente tenta negociar, principalmente, sua morte. Essas barganhas, em sua maioria, são feitas com Deus⁶.

⁶ Elisabeth Kübler-Ross, M.D. (8 de julho de 1927 – 24 de agosto de 2004) foi uma psiquiatra que nasceu na Suíça. Ela é a autora do livro *On Death and Dying*, no qual ela apresenta o conhecido Modelo de Kubler-Ross. Elisabeth foi pioneira no tratamento de pacientes em estado terminal ela deu o impulso para a criação de sistema de asilos específicos para doentes nos Estados Unidos, que são estabelecimentos para internar e cuidar de pessoas em estágio terminal. No final de sua carreira, Elisabeth dedicou sua pesquisa à verificação da suposta "vida após a morte", fazendo, com sua equipe, milhares de entrevistas com pessoas que relataram experiências de uma suposta morte (pessoas que morreram por alguns instantes e voltaram). Após uma série de derrames

Após, esses estágios, segundo a autora, segue-se o estágio da depressão, quando o paciente não pode mais negar sua doença. À sua revolta e raiva, dá-se lugar a um sentimento de perda. Seguindo-se então, o estágio de aceitação, que é uma conformação. Em muitos casos, em que o paciente recebe o apoio necessário e, principalmente, um adequado amparo psicológico, ele pode não passar pelo estágio de depressão e de raiva.

A aceitação é uma fase mais serena, mas não representa felicidade, esse sentimento por parte do paciente, tem mais um significado de conformidade, uma fuga daqueles sentimentos que o atormentam. Nessa fase, a dor parece ter cedido e está chegando o momento de “repouso derradeiro”. Geralmente, nesse momento, quem mais precisa de amparo são os familiares. Supõe-se que o suporte psicológico, aliado a uma adequada dinâmica de interação entre familiares e equipe médica, possibilite o oferecimento de um suporte ou apoio, que minimize o sofrimento do paciente nos últimos momentos de sua vida.

O medo da própria morte desvela a consciência da própria finitude, a fantasia de como será o fim e quando ocorrerá. O processo de luto é a liberdade de expressar sentimentos que não eram ou não poderiam ser expressos sob circunstâncias de vida normais. Estar de luto pela morte dos outros é uma maneira de ensaiar a nossa morte. Mas o luto não é só isso; é também um ritual de expressão de alguns dos sentimentos mais profundos e íntimos da nossa existência. (BRÉTAS⁷, 2006)

O Instituto Médico-Legal. (IML) é onde corpos sem vida encontram a morte e, por meio de técnicas da medicina-legal e de procedimentos burocráticos e policiais, são definidos como mortos, sendo a morte institucionalizada. A partir dos processos de institucionalização e distanciamento da morte, “tudo se passa na cidade como se já ninguém morresse” (ARIÈS⁸, 1988, p. 310), mas, no IML, a caixa preta das vítimas fatais da cidade do Rio de Janeiro, tudo se passa como se, na cidade, todo mundo estivesse, a todo tempo, morrendo.

cerebrais, Elisabeth faleceu aos 78 anos em Scottsdale, Arizona. Em 2007 ela foi eleita para o National Women's Hall of Fame dos Estados Unidos.

⁷ Enfermeiro, Psicólogo, Doutor em Enfermagem/ UNIFESP, Professor Adjunto da Universidade Federal de SP.

⁸ Philippe Ariès mostra o comportamento humano diante da morte na sociedade ocidental cristã, sob o ponto de vista histórico e sociológico.

A identificação humana post-mortem é uma das grandes áreas de estudo e pesquisa da Medicina Legal. Pois trabalha com o material, o corpo humano, em vários estágios do processo morte: espostejados, dilacerados, carbonizados, macerados, putrefeitos, em esqueletização e esqueletizados, objetivando sempre o mesmo resultado, ou seja, estabelecer a identidade humana.

No que se refere aos corpos humanos sem vida, são executados exames necroscópicos que possibilitam identificar a causa mortis. Assim, vítimas fatais de acidentes de trânsito; projéteis por arma de fogo (PAF); perfuração por arma branca (PAB); incêndios; afogamentos; atropelamento; desabamentos; envenenamento; suicídios; acidentes em geral; ossadas; partes de corpos humanos – denominados despojos; cadáveres encontrados em via pública, residência ou estabelecimento comercial; fetos e alguns indivíduos que morrem em estabelecimentos de saúde têm seus corpos encaminhados ao IML. São esses cadáveres que ocupam as salas e circulam entre os corredores do Serviço de Necrópsia do IML. Lá a morte não está escondida, ela é um “acontecimento” SAHLINS⁹, (1990).

O objetivo deste trabalho é refletir sobre os procedimentos realizados pelo profissional Auxiliar de Necropsia durante o exame necroscópico. Partindo deste principio foi elaborado as seguintes indagações: qual é o papel do auxiliar de necropsia? Não seriam apenas corpos de pessoas inertes como já havia visto anteriormente talvez em filmes? O que faz deste profissional ser diferenciado dos demais? Seria a sua relação mais íntima não só com a morte, mas, também com as ossadas, carbonizados, despojos, putrefatos, baleados, esfaqueados, corpos com dimensões e formas alteradas etc.?

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão integrativa da literatura. Tendo como embasamento teórico o levantamento dos dados realizado em fontes como: Lilacs, Scielo, e dados das seguintes entidades: Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo e Sociedade Brasileira de Patologia. Para a pesquisa deste trabalho foram usados os descritores: IML, Morte, Necropsia e Perito Criminal. Ao utilizar os referidos descritos foram encontrados 30 artigos. Inicialmente procedeu-se a checagem dos títulos, autores e resumos, com o objetivo de separar as publicações repetidas, a seguir foram esmiuçadas todas as publicações e

⁹ SAHLINS, M. 1990 [1987] *Ilhas de história*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 2001 [1995] *Como pensam os "nativos"*, São Paulo, Edusp.

Encontradas e selecionados os artigos inerente ao assunto abordado. Foram descartados 9 artigos, por não atender os objetivos do estudo e foram utilizados os demais artigos após o levantamento das citações e posterior fichamento cuja descrição atendeu os objetivos do estudo proposto. Os resultados serão abordados em forma qualitativa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O medo da morte começa a adquirir seus traços e o homem começa a formular planos para prolongar a vida, sobre o medo da morte coloca-se que medo é a resposta psicológica mais comum diante da morte. O medo de morrer é universal e atinge todos os seres humanos, independente da idade, sexo, nível socioeconômico e credo religioso.

O Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses (INMLCF) cabe, no exercício das suas atribuições periciais forenses, cooperarem com os tribunais, com o Ministério Público e com os órgãos de polícia criminal e demais serviços e entidades que intervêm no sistema de administração da justiça, realizando os exames e as perícias de medicina legais e forenses que lhe forem solicitados, nos termos da Lei.

Cheiro: “experiência reveladora” [...] as pessoas podiam fechar os olhos diante da grandeza, do assustador, da beleza, e podiam tapar os ouvidos diante da melodia ou de palavras sedutoras. Mas não podiam escapar ao aroma. Pois o aroma é um irmão da respiração - ele penetra nas pessoas, elas não podem escapar-lhe caso queiram viver. E bem para dentro delas é que vai o aroma, diretamente para o coração, distinguindo lá categoricamente entre atração e menosprezo, nojo e prazer, amor e ódio. Quem dominasse os odores dominaria o coração das pessoas¹⁰

Pela percepção de diferentes odores, o olfato auxilia na leitura do corpo, permitindo identificar seu estado e condição. O olfato é a ferramenta que faz perceber os cheiros e ativa a memória dos que por aquelas salas e corredores circulam. O cheiro é uma das maneiras possíveis de percepção do meio ambiente e de expressão da existência do “organismo/pessoa” (INGOLD¹¹, 2000, p. 95).

¹⁰ (SUSKIND, 1985). Patrick Suskind é um escritor alemão e publicou o romance chamado de “o perfume” em 1985 Foram vendidos 15 milhões de exemplares em quarenta línguas. O título original alemão é *Das Parfum, die Geschichte eines Mörders* (tradução literal em português, *O Perfume, História de um Assassino*). No romance o autor revela que o personagem Grenouille possui duas características excepcionais: uma delas é que ele não possui odor próprio, o que permite que ele passe totalmente despercebido aos outros, pois segundo o autor "o odor é a essência, e o que não tem essência logo não existe"

¹¹ IGNOLD, Tim. *The perception of the environment, essays on livelibod dwelling and skills*. Londres Nova York. Rourdelege. 2000

Tal desenvolvimento no processo de identificação humana post-mortem trouxe como consequência à necessidade, de se organizar e standardizar em graus sucessivos de complexidade os procedimentos deste processo. Fazendo com que o processo de identificação humana post-mortem fosse dividido em Geral e Individual.

Já a identificação é caracterizada pelo uso de técnicas e meios propícios para se chegar à identidade. Esta identificação pode ser realizada por técnicos treinados (identificação judiciária ou policial) tendo seu maior exemplo a datiloscopia. Ou pode ser realizada por profissionais com conhecimentos diferenciados e específicos na área biológica (identificação médico-legal ou odonto-legal) tendo uma sucessão praticamente ilimitada de técnicas e meios propícios, para chegar-se a identidade humana. O IML é para casos de mortes violentas, envolvendo autoridades policiais e já (SVO). Não há necessidade de envolver autoridades policiais.

A Tanatologia Forense é o ramo das ciências forenses que partindo do exame do local, da informação acerca das circunstâncias da morte, e atendendo aos dados do exame necrótico, procura estabelecer: - a identificação do cadáver - o mecanismo da morte - a causa da morte - o diagnóstico diferencial médico-legal (acidente, suicídio, homicídio ou morte de causa natural). Nem sempre é possível estabelecer a identificação. (SANTOS¹², 2003- 2004).

Em casos em que os cadáveres são encontrados em avançado estado de decomposição, que não são procurados (nem por familiares, nem por forças policiais) e em que não há qualquer informação sobre o caso, pode não se chegar à sua identificação. A morte poder-se-á definir como a cessação total e permanente das funções vitais; alguns autores afirmam que não é um momento, é um processo que se vai desenrolar ao longo do tempo.

Nos primórdios da civilização humana, quando o homem vivia em aglomerações tribais, a violência praticada por um indivíduo contra outro, do mesmo grupo social era encarada como um ato proscrito pelo senso comum da tribo.

¹² SANTOS, Agostinho. Tanatologia Forense. . Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Medicina Legal / Tanatologia Forense. 2003 -204.

A detenção do criminoso, por essa sociedade primitiva, dependia de provas de que o mesmo cometeu o crime. Essas provas eram baseadas em relatos de outros membros da tribo. Mas, relatos de um único indivíduo e interesses escusos envolvidos, por exemplo, suscitavam dúvidas quanto à veracidade do relato. [Ruiz¹³, 2005] Percebeu-se então que havia a necessidade de corroborar esses relatos com evidências físicas, que pudessem representar o ato criminoso.

A incipiente estrutura judiciária da tribo despertou então para a importância da prova material, da noção de corpo de delito, e da necessidade de exame. Foi o surgimento das grandes perguntas forenses: Se alguém foi assassinado, onde estaria seu corpo? Se o agressor infligiu ferimentos à vítima, quais seriam esses? Se um objeto foi furtado, por que teria sido acusado este indivíduo? [Ruiz, 2005].

Vem da China o primeiro registro da Ciência Forense, durante o reinado da dinastia Tang. No século VII, Ti Yen Chieh, tornou-se famoso ao fazer uso dos vestígios do crime para resolvê-los, e também da lógica, apesar de utilizar métodos e ferramentas diversos do que os praticados atualmente.

Por volta do século XIII, o juiz Song Ts'Eu escreveu o primeiro compêndio conhecido de medicina legal no campo do Direito. Nesse compêndio, o juiz explicava como se reconhecer os sinais de estrangulamento e afogamento, e também de como através dos ferimentos poderia se chegar a determinar o tipo e o tamanho da arma utilizada no crime. [Wilk, 2005 apud. CALAZANS¹⁴ et al.].

Os Primórdios dos Métodos e Ferramentas Forenses no período compreendido entre os séculos XVI ao XVIII, surgiu a maior parte dos métodos e instrumentos forenses. Diversos progressos científicos surgiram e foram incorporados ao arsenal utilizado para esclarecer crimes. É do final do século XVI, 1590, a invenção do microscópio, por Zacharias Jansen, largamente utilizado até os dias atuais para análise e esclarecimento de alguns tipos de vestígios.

¹³ RUIZ, Luis Orlando Aponte. Apud. (Medeiros, Flavia). Criminalística - Aspectos históricos e evolução no Estado de São Paulo. (visão e cheiro dos mortos uma experiência etnográfica no IML). caderno de campo. São Paulo nº 23, p. 77-89, 214

¹⁴ Wilk Daniel Alejandro.(apud. Carlos Henrique Calazans, Sandra Maria Calazans).Análise de um caso real instrucción sumarial o investigación penal preparatória. Ciência Forense: das Origens à Ciência Forense Computacional- Monografia CienciaForence.

No ano de 1664, um médico italiano chamado Marcelo Malpighi, publicou um trabalho, cujo o título era “Epístola sobre o órgão do tato”, onde apresentava um estudo sobre o desenho digital e palmar, sendo a remota origem da papiloscopia. No final do século XVIII, as armas começaram a ser produzidas com almas raiadas. No século XIX, devido a esta característica, Henry Godard conseguiu relacionar uma bala com a arma utilizada.

Outra grande invenção foi a fotografia, criada em 1826 e desde sua invenção, vem sendo utilizada para gravar os vestígios do fato ocorrido no próprio local, e verificar possíveis suspeitos. Thomas Byrnes, um detetive norte-americano, em 1886 publicou uma coletânea de fotos de criminosos, visando facilitar o reconhecimento de possíveis suspeitos. Tal prática vem sendo adotada até os dias de hoje. [González¹⁵, 2004].

Algumas décadas antes, em 1815, Mathieu Orfila publicou um livro denominado *Traité des Poisons*, no qual descrevia uma classificação dos venenos que eram mais utilizados por criminosos. Orfila tornou-se o pai da Toxicologia.

Os Mentores da Ciência Forense Moderna Ainda que a Fenologia não tenha valor científico, dela Alphonse Bertillon, um oficial de polícia francês, utilizou-se das teorias que utilizavam medidas corporais para a identificação, para o assinalamento antropométrico e a fotografia judiciária, como resposta à dificuldade da polícia na identificação dos criminosos.

A Ciência Forense é definida como uma ciência multidisciplinar, porque se utiliza muitas vezes de subsídios de outras ciências para a devida análise de um possível vestígio, pois assim como o Juiz recorre a vários elementos para formar sua convicção e aplicar a lei da melhor forma possível, o profissional forense se vale dos conhecimentos nos mais diversos ramos da ciência para melhor análise dos indícios encontrados na cena de um crime.

A necropsia não serve apenas para identificar a causa da morte, como muitos pensam, ela tem diversas outras funções. Controle de qualidade do diagnóstico e do tratamento, através do conhecimento, fonte de informação para a secretaria de saúde, material de ensino para médicos residentes, alunos e professores e material para pesquisa científica.

¹⁵ Gonzalez , Elena labajo. Atropologia forense - Ciências antropológicas 2004

Tipos de necropsias: Forense: tenta encontrar respostas para a causa da morte violenta ou suspeita como parte de uma investigação policial. (IML) Instituto Médico Legal a Clínica: morte não violenta ou (SVO)- Serviço de verificação ao óbito. E autópsia hospitalar: realizados em pacientes internados, falecidos decorrente de patologia. As autópsias hospitalares e SVO são realizadas por um anato patologista. (SBP¹⁶, 24/02/2015) Todos os dias, os serviços médico-legais são confrontados com a “morte súbita de causa indeterminada” na sequência de mortes de indivíduos com antecedentes patológicos relevantes, de doenças crônicas com agudizações potencialmente letais, de doenças neoplásicas em fases terminais, de doenças infectocontagiosas em fase terminal, no decurso de internamentos hospitalares de dias ou semanas por doença de causa natural.

A realização do exame de necropsia se justifica em: Mortes violentas (acidentes de trânsito, do trabalho, homicídios, suicídios etc.), Morte suspeita (sem causa aparente) e Morte natural de indivíduo não identificado.

A obrigatoriedade da execução da necropsia está regulada no Código de Processo Penal artigo 162 “A autópsia será feita pelo menos seis (6) horas depois do óbito, salvo se os peritos, pela evidência dos sinais de morte, julgar que possa ser feita antes daquele prazo, o que declarará no auto”. Parágrafo único – nos casos de mortes violentas, bastará o simples exame do cadáver, quando não houver infração penal que apurar, ou quando a lesão externa permitirem precisar a causa da morte e não houver a necessidade de exame interno para a verificação de alguma circunstância relevante. Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo. (IML- SSP-SP)¹⁷

A técnica da necropsia consiste em estudar as alterações de todos os órgãos após a morte a partir do exame macroscópico (observação a olho nu dos órgãos retirados), que fornece material para o exame microscópico, onde serão vistas as alterações a nível celular. Relacionando os achados macro e microscópicos com os dados da história do paciente, para então se estabelecer a causa da morte, doença de base ou outras patologias existentes.

¹⁶ IML Instituto Médico Legal. Responsável pela necropsias e laudos cadavéricos. (SVO) Serviço de Verificação ao Óbito. são instituições que têm por finalidade a determinação da realidade da morte, bem como, a sua causa – desde que natural e não sob suspeita de violência. (SBP)-Sociedade Brasileira de Patologia

¹⁷ **Instituto Médico Legal (IML)-Secretaria de Segurança Pública de São Paulo.** Está subordinado à Superintendência da Polícia Técnico-Científica e foi criado com o intuito de fornecer bases técnicas em Medicina Legal para o julgamento de causas criminais.

A temporalidade do exame endonecrosópico é determinada pelo tempo que se leva para “matar” um cadáver. “Matar o morto”, já que está morto fisiologicamente, é nos termos dos que trabalham no IML. O objetivo dos que estão realizando o exame, assim identificar as lesões em determinados órgãos que provocaram a morte do indivíduo, esta é a finalidade do exame. Autópsias médico-legais, tendo como objetivo esclarecer a causa da morte e as circunstâncias em que esta ocorreu nos casos de morte violenta ou de causa ignorada, estabelecendo-se o diagnóstico diferencial entre morte natural, suicídio, homicídio e acidente (e ainda outros exames cadavéricos, por exemplo, de antropologia forense, seja para fins de diagnóstico diferencial da causa da morte, seja para fins de identificação).

3.1 Atribuições do Profissional Auxiliar de Necrópsia

Auxiliar de necropsia ou necropsista é o profissional que presta serviço de nível mediano na cooperação em uma necrópsia ou autópsia contribuindo na investigação da causa mortis de uma pessoa, sendo também muito encontrado em hospitais e funerárias.

O Auxiliar de Necropsia tem as atribuições adiante listadas, entre outras tarefas análogas que possam ser determinadas: - Identificação de cadáver; - Manuseio de cadáver para possibilitar a observação de lesões externas; Higiene dos corpos; - Execução e acompanhamento de exumações; - Observação de lesões internas no cadáver; - Colheitas de amostras viscerais para exames de laboratório; - Limpeza de instrumentos utilizados nas necropsias; - Recolhimento de ossadas, restos putrefatos e cadáveres inteiros para atender exigências legais; - Limpeza de ossos; limpeza e higiene dos instrumentos e equipamentos e da sala de exame após cada exame de necropsia realizado; - zelar pela guarda, conservação e limpeza dos materiais e instrumentais utilizados em seu local de trabalho.

O auxiliar de necropsia deverá estar preparado psicologicamente e fisicamente, pois, além de trabalhar com corpos sem vidas o estado destes corpos poderá estar já em estado de decomposição e o odor fétido é outro fator que esse profissional terá que adquirir habilidades para gerenciar e superar esse obstáculo. Entretanto o uso dos EPIs é de suma importância na labuta do dia-a-dia deste profissional. (máscara cirúrgica ou com filtro, óculos de proteção, gorro descartável, avental de manga longa, macacão, luvas de borracha, botas de borracha de preferência cor branca).

A técnica empregada para realização de uma necropsia não é a mesma para todas as espécies. Existem várias maneiras de se abrir um cadáver, o importante é padronizar aquela forma que melhor lhe dará segurança na obtenção das informações que busca durante a sua realização. Retiram-se os órgãos para análise e por fim, os órgãos são novamente introduzidos no interior do corpo para que o cadáver fique no melhor estado possível para ser entregue à família (caso haja esta possibilidade).

3.2 Ética na Sala de Exames de Necropsia.

A sala de necropsia, além de ser um local de trabalho especializado, o tipo de material manuseado é o material humano, um motivo bastante importante para que seja respeitado. Nunca sabemos quem irá cruzar a porta da sala em uma maca, hoje pode ser um desconhecido, mas, sempre devemos ter em mente que é um ser humano. Portanto informações, elucidações, comentários feitos dentro da sala de necropsia não devem sair da sala. Não é admissível divertir-se com as peças cadavéricas, sendo possível de punição legal.

O ato de vilipendiar cadáveres ou suas cinzas configura crime contemplado no Código Penal Brasileiro: Lei nº 2.848 de 07 de Dezembro de 1940. Art. 212- Vilipendiar cadáver ou suas cinzas: pode ser punido entre um a três anos de reclusão e pagamento de multa.

Vilipendiar é um verbo transitivo direto na língua portuguesa e significa o ato de desprezar ou menosprezar algo, alguém ou alguma coisa. O vilipêndio é a ação de vilipendiar, ou seja, fazer com que alguém se sinta humilhado, menosprezado e ofendido, através de palavras, gestos ou ações. Vilipendiar alguém é considerado um desrespeito, pois parte da premissa de que esse indivíduo é indigno, vil, insignificante ou miserável. Vilipendiar cadáveres neste caso tutela-se no crime em estudo o sentimento de respeito pelos mortos, repudiando, assim, condutas “desonrosas” para com o *de cuius*.

Muito importante salientar que o vilipêndio pode ser praticado por diversos modos como, por exemplo: proferir palavrões contra o morto, atirar excrementos no cadáver, desdenhar da situação em que o corpo se encontra causar danos ao corpo do por falta de zelo, praticar atos sexuais com o falecido entre outros.

Entre os crimes mais comuns de vilipêndio do corpo humano morto está a chamada **NECROFILIA**, ou seja, quando alguém mantém relações sexuais com o cadáver. Deve-se manter respeito ao corpo do cadáver bem como manter a sua privacidade assegurada em Lei O artigo 5º da Constituição Federal que prevê a inviolabilidade do direito à intimidade, à proteção da vida privada e à honra, bem como à imagem das pessoas.

A costura após a necropsia, o profissional do setor de corte, deposita os órgãos retirados ao longo do exame no corpo e costura o cadáver. Os órgãos retirados são reorganizados no corpo de acordo com a região onde fora extraído. Assim o cérebro é depositado na cabeça dentro da calota craniana.

Em outras palavras o “Vilipêndio é o ultraje, o ludíbrio aviltante, o desdém injurioso. É o ato de aviltar, de ultrajar. Tanto pode consistir em atos, como em palavras e escritos. Constituirão vilipêndio, entre outros fatos, os seguintes: tirar as vestes do cadáver e escarrar sobre ele, cortar algum membro com o fim de escárnio, derramar líquidos imundos sobre as cinzas, ou dispersá-la acintosamente.” Tudo isso configura crime.

Os objetivos da autópsia médico-legal têm como objetivos principais estabelecer: a identificação do cadáver; o mecanismo da morte; a causa da morte e as circunstâncias. Há quatro quesitos a serem respondidos num relatório de necropsia: 1. Houve morte? 2. Qual a causa da morte? 3. Qual instrumento produziu a morte? 4. A morte foi produzida por veneno, fogo, explosivo, asfixia, tortura ou meio qualquer outro meio insidioso ou cruel?

Autópsias médico-legais, tendo como objetivo esclarecer a causa da morte e as circunstâncias em que esta ocorreu. Exame Pode compreende duas fases: exame externo e exame interno. Exame externo o médico legista analisa vestígios através de inspeção e exame com posterior descrição das lesões encontradas.

Exame interno compreende a abertura da caixa craniana, da caixa torácica, da cavidade abdominal e a exploração de qualquer outro segmento corporal que seja importante para o esclarecimento dos objetivos periciais. Estes procedimentos têm em vista a observação direta dos órgãos e sistemas para que se possam registrar as suas alterações morfológicas, patológicas ou traumáticas, sendo estes muitas vezes retirados para serem vistos individualmente e depois analisados em laboratório. Pode ser necessário a recolha de fluidos corporais ou vísceras e seus conteúdos para exames complementares. GAPSKI (2012).

4. CONCLUSÃO

A morte deve ser encarada pelos profissionais de saúde como inerente à natureza humana, como seres finitos, embora às vezes passamos a agir como seres imortais, sabemos muito pouco ou quase nada sobre a morte, talvez isto se deva ao fato de darmos tão pouca importância para ela, pois a sociedade a qual vivemos prega veementemente a longevidade e ignora a existência e essência da morte.

As tarefas atribuídas ao profissional Auxiliar de Necropsia são diversas, tornando-o uma peça fundamental no processo de identificação de cadáveres com o auxílio da realização dos exames de necropsias. É de responsabilidade do auxiliar de necropsia a guarda de materiais, instrumentos e equipamentos relacionados às suas atividades de trabalho, bem como manter a ética na sala de necropsia, respeitando os corpos cadavéricos em sua plenitude. As atividades de execução relativas ao trabalho auxiliar, sob supervisão imediata dos médicos, na realização de necropsias e/ou exames anatomopatológicos. Ou atividade padronizada da polícia científica. Atividades do auxiliar de necropsia são inerentes a sua função

As principais atribuições típicas são:

- 1 – identificação dos corpos;
- 2 - abertura, evisceração e fechamento dos corpos;
- 3 – identificação dos órgãos; projeteis e traumas.
- 4 – fixação de peças anatômicas para posterior exame, a devida identificação, guarda, organização e arquivamento temporário do material em estudo e de reserva, tanto do material de necropsia quanto das peças cirúrgicas;
- 5 – preparo das várias soluções fixadoras;
- 6 – manutenção dos aparelhos e instrumental;
- 7 – arrumação e limpeza da mesa de necropsia e instrumental;
- 8 – afiação do instrumental cortante;
- 9 – embalsamento de cadáveres.

Estas atividades são executadas tanto pelo profissional da polícia científica – os APC – quanto pelo técnico pertencente ao serviço de verificação de óbitos, sempre sob a supervisão e orientação do médico. A capacitação de cada um se dá por vias diferentes, sendo o APC através de concurso e curso de aprendizado e o técnico do SVO através de curso de aprendizado. (Parecer CRM/MS N° 20/2011).

O que faz deste profissional um profissional diferente dos demais é justamente a sua capacidade e facilidade de lidar com a morte, cuidar dos corpos já sem vida, dando-lhes dignidade e a oportunidade de elucidação dos fatos pós-mortes com os exames necroscópicos realizados. Possibilitando um sepultamento digno onde a alma/ espírito do indivíduo possa repousar em paz é a capacidade deste profissional em oferecer conforto sempre que possível às famílias dos pacientes, sempre respeitando a dor da perda e do luto.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] MORTE – Wikipédia, a enciclopédia livre. [acesso 10 de dez de 2016]. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Morte> . São Paulo, 2016.
- [2] CANTU, Fernanda. MARIUZZO, Terezinha. RONDINA, Regina de Cássia. A percepção da iminência da morte em pacientes terminais: dilemas, conflitos e angústias. Revista Científica Eletrônica de Psicologia 1Ano III, Número 04, maio de 2005 - Semestral - ISSN 1806-0625
- [3] SOUZA, Rainer Gonçalves Souza. A morte no Egito Antigo- Mundo Educação. [acesso, 10 de dez. de 216]. Disponível em: mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/a-morte-no-egito-antigo.htm
- [4] BROMBERG, M.H. A Psicoterapia em Situações de Perdas e Luto. Campinas: Livro Pleno, 2000.
- [5] CFM- Conselho Federal de Medicina. <https://portal.cfm.org.br>. [acesso 12 dez. de 2016].
- [6] GRUPO de Estudos de Ética Clínica de la Sociedad Médica de Santiago. Diagnóstico de muerte. Revista Med Chile. 2004;132(1):95-107. (4)
- [7] KÜBLER-ROSS, E. (1926) Sobre a Morte e o Morrer: o que os doentes têm para ensinar os médicos, enfermeiras, religiosos e os seus próprios parentes; [tradução Paulo Menezes] 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992
- [8]] Brêtas, José Roberto da Silva. Oliveira, José Rodrigo de. Yamagut, Lie. Reflexões de estudantes de enfermagem sobre morte e o morrer. Rev Esc Enferm USP 2006; 40(4):477-83. www.ee.usp.br/reeusp/
- [9] Ariès P. O homem diante da morte. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1981.
- [10] Ariès P. História da morte no ocidente: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Ediouro; 2003.
- [11] SAHLINS, Marshall. Ilhas de Histórias. Rio de Janeiro. Jorge Zahar (1990).

- [12] MEDEIROS, Flavia. Visão e cheiro dos mortos: uma experiência etnográfica no Instituto Medico Lega. UFF, Niterói, Rio de Janeiro. Cadernos de campo, São Paulo nº 23 p.77-80. (SUSKIND, 1985). Patrick Suskind é um escritor alemão.
- [13] IGNOLD, Tim. The perception of the environment, essays on livelibod dwelling and skills. Londres Nova York. Rourdelege. 2000
- [14] SANTOS, Agostinho. Tanatologia Forense. Faculdade de Medicina da Universidade do Porto. Medicina Legal / Tanatologia Forense. 2003 -204. [acesso dia 11 de dez. 2016] disponível em: medicina.med.up.pt/legal/TanatologiaF.pdf
- [15] Ruiz, Luis Orlando Aponte. Apud. (Medeiros, Flavia). Criminalística - Aspectos históricos e evolução no Estado de São Paulo. (visão e cheiro dos mortos uma experiência etnográfica no IML). caderno de campo. São Paulo nº 23, p. 77-89, 214
- [16] Wilk Daniel Alejandro.(apud. Carlos Henrique Calazans, Sandra Maria Calazans).Análise de um caso real instrucción sumaral o investigación penal preparatória. Ciência Forense: das Origens à Ciência Forense Computacional- Monografia CienciaForense. [acesso dia 10 dez. 2016] www.truzzi.com.br/blog/wp-content/uploads/2010/.../Monografia_CienciaForense.pdf
- [17] Gonzalez , Elena labajo. Atropologia forense - Ciências antropológicas 2004 disponível em: https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/.../1/IIJPP_livro_programa_resumos.pdf [acesso 10 de dez. 2016]. São Paulo, 2016.
- [18] BRASIL, (SBP) Sociedade Brasileira de Patologia. [acesso 12 de dez. de 2016]. Disponível em: www.sbp.org.br/
- [18] BRASIL, (IML)- Secretaria de Segurança Pública de São Paulo- Governo do Estado de São Paulo. Disponível em: www.saopaulo.sp.gov.br > Órgãos e Entidades > Secretarias [acesso 10 de dez. de 2016]. São Paulo, 216.
- [19] BRASIL, Parecer CRM/MS N° 20/2011. Processo Consulta CRM MS N°. 13/2011 ASSUNTO: Procedimentos que podem ser realizados pelos auxiliares de necropsia e atos médicos. RELATOR: Cons. José Antonio de Carvalho Ferreira.
- [20] AFONSO, Selene Beviláqua Chaves. Minayo, Maria Cecília de Souza. Uma releitura da obra de Elisabeth Kubler-Ross A- SciELO. [acesso 12 de dez. de 2016] disponível em: www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a28.pdf
- [21] GAPSKI, Priscila. Resumo de Medicina Legal – Medicina UFPR – 4/10/2012. [acesso 14 dez. 2016] Disponível em: xa.yimg.com/kq/groups/22142557/1751068683/name/Medicina